

Sheik empunha cheque 18 AGO 1995

CLÓVIS SENA

JORNAL DE BRASÍLIA

Que a inquietação ora verificada, em face de descaminhos em Brasília, sirva para alguma coisa. Ainda outro dia, quando da instalação do Pólo Editorial, o secretário da Indústria e Comércio, em pronunciamento muito em circunlóquios, parecendo não estar seguro de nada, dizia, perante uma platéia específica e informada, que Brasília fora planejada por Lúcio Costa para ter 500 mil habitantes no final do século, e já se encontra com 2 milhões. Na verdade Brasília, incluindo a área do Lago, está com 300 mil habitantes. O Distrito Federal é que em 1995 apresenta 1 milhão e 850 mil habitantes. E ainda bem que o governador, ao vetar a invasão da Via Estrutural, anuncia que a farra dos lotes está encerrada.

A Baixada Fluminense, no Estado do Rio, após saneada nos anos 40 pelo sanitarista Mário Pinotti, em lugar de usufruir do privilégio de possuir das melhores terras do mundo, e tornar-se grande produtora de alimentos, foi sendo desordenadamente ocupada por migrantes de mão-de-obra não qualificada e hoje é isso que todo mundo sabe.

Mas Brasília tem um Setor de Diversões Sul que aos poucos foi sendo descaracterizado e por isso mesmo está a requerer a organização da sociedade civil para defendê-lo. Antes quem comprava as coisas com dinheiro fácil eram os bicheiros e narcotraficantes. Agora entrou no páreo a Igreja Universal do Sheik Macedo. E atacou justamente o Setor em torno do qual de uns meses a esta parte as pessoas que amam Brasília passaram a conversar no sentido de encontrar um meio de fazer ir ao encontro do projeto original.

Já que o turismo é uma das formas de fazer com que a cidade ganhe dinheiro, a Igreja do Sheik bem que poderia ser atração, desde que em outro lugar que não o Setor de Diversões Sul: o turista pagaria ao

caixa tantos dólares por cabeça, a fim de ver como são as sessões em que o crente em transe faz tudo e qualquer coisa que lhe for determinada.

O sr. Luís Severiano Ribeiro Jr. comprou, em condições favoráveis, no Setor de Diversões Sul, uma área previamente reservada, pela Novacap, para cinema; Dulcina (hoje inválida, numa cadeira) comprou uma área para teatro e escola de teatro, esta, afim com a vida artística; Abdala Carim Nabut, o mesmo em relação a cinemas; Venâncio, que pegou área para vários prédios, todos muito mal acabados, horríveis mesmo, construiu uma sala, o Cine Venâncio, arrendada para um grupo do interior de São Paulo e transformado em cinema pornô. E o grupo Conic aprontou o Cine Bristol, no subsolo, no início muito bonitinho, hoje também cinema pornô.

Nenhum dos beneficiários com a compra favorecida interessou-se em manter a qualidade.

E haveria galerias, lojas, bares, cafés, casa de chá, livrarias. Este o espírito da coisa. E com beleza.

A Igreja do Sheik se insere na seqüência das deturpações lamentadas, no caso com grande contundência: uma grafítica punhalada não num osso de costela ou no fêmur — que já seria perigoso —, mas no coração lúdico de Brasília, ao anunciar que agora o Cine Atlântida não é mais. Na porta um Honorildo, olhem o nome dele!, cria do sheik, de catadura a mais sombria possível.

E o governador, lava as mãos? Quer dizer que, tendo dinheiro em banco, basta essa credencial, uma pessoa, um sheik da Arábia pode chegar perante um governante pouco responsável e anunciar que quer comprar o Palácio da Alvorada para botar seus empregados lá,

ou o de Águas Claras, e pronto.

Todos sabem que no Porto, Portugal, sheik Macedo comprara o Coliseu, maior sala de espetáculos de lá, mas o prefeito interveio e invalidou o negócio, valendo-se de todos os meios legais a seu alcance.

Mas o dismantelo já vem de há muito tempo. A Galeria dos Estados, ali perto, era uma referência de Brasília, e hoje todos sabem como se encontra. Não dá mais para levar um amigo a conhecer. Como Capital da República, portanto, Brasília é o centro da Nação. A Galeria continha produtos e lojas de todos os estados.

Esse tipo de igreja tem o direito de prosperar e prosperar. Tudo certo. Mas sem causar danos à comunidade. Nada de abusos do poder econômico. Por que piorar mais o Setor de Diversões Sul? Por que não contribuir para revitalizar aquela área e repor-lhe beleza?

Uma grande sala para espetáculos de massa poderia substituir o Cine Atlântida. Uma galeria de arte. Uma escola de dança. Uma biblioteca. Um teatro. Uma academia de música. Um auditório para uso vário. Poderia mesmo ser extensão do Museu de Arte de Brasília, tão mal instalado nas vizinhanças do antigo Brasília Palace Hotel. E ainda não foi montado o museu com as artes existentes no BNDES, na Caixa Econômica, no Banco do Brasil.

A pessoa, tendo dinheiro fácil, que faça o uso que quiser de seus barris de petróleo humano, desde que não afete os direitos alheios. Repor a beleza desfigurada e não entronizar o pesadelo. Além dos grafiteiros que vandalizam a paisagem, temos mais o sheik Macedo. Em vez de um fuzil AR-15, o sheik empunha um talão de cheque.

Tai: que compre agências de banco falido.

■ Clóvis Sena é jornalista e escritor